

ANDES

SINDICATO NACIONAL

Programa de História Oral

ANDES SINDICATO NACIONAL



Organização:

Centro de Documentação Professor Osvaldo de Oliveira Maciel CEDOC /
ANDES-Sindicato Nacional - Gestão 2020 / 2022

- Diretor responsável Luiz Henrique dos Santos Blume
- Arquivista Roseni Ximenes de Castro

Apresentação

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas com pessoas para conhecer as experiências sociais coletivas através do testemunho de acontecimentos vividos, em contextos sociais e individuais.

A memória é compartilhada por um grupo social: as entrevistas podem ser consideradas como fontes de compreensão para o passado, e construção da memória.

Este tipo de projeto consiste em realizar entrevistas com pessoas que fizeram parte da história do sindicato: funcionários e ex-funcionários, diretores e ex-diretores, companheiros de outras entidades que possam nos contar a história da instituição ou de algum evento através dos depoimentos.

Por onde começamos?

Grupo de Trabalho História do Movimento Docente - GTHMD

O 23º Congresso ocorrido em Salvador - BA em 2004 deliberou:

D) HISTÓRIA DO MOVIMENTO DOCENTE

TR - 27 - ORGANIZAÇÃO DA MEMÓRIA DO ANDES-SN

Diretoria do ANDES-SN

O 23º CONGRESSO delibera que o ANDES-SN realize uma mostra de imagens e textos sobre as greves nacionais por ele protagonizadas que ficará disponível às seções sindicais e aos eventos nacionais do sindicato.

GTHMD

O 38º Congresso – 28/1 a 2/02/19 – Belém-PA deliberou:

II. HISTÓRIA DO MOVIMENTO DOCENTE

1. Realizar, em 2019, um seminário com o tema “Movimento docente: Lutas por autonomia e Liberdades, Ontem e Hoje”, em conjunto com o GTPE e GPTFS.
2. Lutar pela permanência da gestão dos museus universitários nas IES públicas, cobrando a destinação de verbas públicas necessárias para a continuidade das funções dessas instituições.
3. Que o ANDES-SN se posicione contra a privatização e a transformação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em Agência Brasileira de Museus (ABRAM) e a transferência da gestão do patrimônio público para a iniciativa privada.

Comissão da Verdade do ANDES-SN

- Foi criada a Comissão da Verdade do ANDES-SN no 32º Congresso do ANDES-SN em 2013, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- **II – COMISSÃO DA VERDADE DO ANDES-SN**
- **1.** Criar a Comissão da Verdade do ANDES-SN para investigar fatos ocorridos na ditadura militar contra docentes universitários entre os anos de 1964 a 1985;
- **2.** A diretoria do ANDES-SN apresentará no 58º CONAD, uma proposta de funcionamento da Comissão da Verdade, com prazos, número de participantes e recursos financeiros e o papel das seções sindicais;
- **3.** A Comissão será instalada do 58º CONAD, onde serão eleitos seus membros titulares e suplentes;

Comissão da Verdade do ANDES-SN

- **4.** Que as seções sindicais realizem levantamento de seus professores, estudantes e técnico-administrativos cassados, torturados, perseguidos e assassinados pela ditadura empresarial-militar, objetivando acompanhar o trabalho da Comissão de Verdade em conjunto com o movimento Tortura Nunca Mais e exigir a punição dos agentes do Estado responsáveis;
- **5.** Que o ANDES-SN, via secretarias regionais e seções sindicais:
- **5.1.** Participem do movimento nacional pelo fim da impunidade de que gozam os agentes civis e militares que atuaram criminalmente durante a ditadura civil-militar em nosso país;
- **5.2.** Atuem na luta, em conjunto com as demais entidades, pela revisão da Lei de Anistia, construindo ações de iniciativa popular.

Comissão da Verdade do ANDES-SN

- **6.** Posicionar-se favoravelmente:
- **6.1** Ao movimento nacional pelo fim da impunidade que gozam os agentes civis e militares que usaram a autoridade e o poder estatais para torturar, assassinar e desaparecer com militantes, democratas e cidadãos considerados suspeitos que atuaram em oposição à ditadura civil-militar (1964-1985), além de outros cidadãos comuns;
- **6.2** A luta pela revisão da Lei da Anistia (6683/79);
- **6.3** Ação conjunta com os movimentos sociais pela construção de iniciativas populares sobre o tema;
- **6.4** Pela constituição de tribunais populares para julgar os torturadores dos crimes da ditadura militar.

Comissão da Verdade: 35.o Congresso (SINDUTFPR, 2016)

- Deliberação:
- **1.** Propor às seções sindicais que construam instrumentos de luta, no espaço de suas respectivas IES, pela revisão da Lei da Anistia destacando os seguintes itens:
 - **1.1** que sejam mantidas a anistia e os direitos conquistados pelos perseguidos políticos pela ditadura empresarial-militar;
 - **1.2** lutar pela punição dos autores dos atos criminosos praticados pela ditadura empresarial-militar.
- **2.** As seções sindicais do ANDES-SN devem se engajar na luta, em campanhas e na denuncia, seguida de registro para constituição de uma memória de todos os crimes, assassinatos e perseguições políticas, desaparecimentos forçados, bem como, o genocídio da população negra, indígena, quilombola, cigana, camponesa, dos sem-teto e dos moradores das periferias. Trata-se de ação de enfrentamento da permanência de práticas ditatoriais.

Comissão da Verdade: 36.o Congresso (Cuiabá, 2017)

- **1.** Dispensar esforços, em parceria com as comissões da verdade constituídas pelas seções sindicais, por meio da Comissão da Verdade do ANDES-SN, para:
- **1.1** ampliar o foco do trabalho da comissão da verdade do ANDES-SN para o pós-1985, tendo como um dos elementos centrais investigar a permanência de leis, de decretos, de ações e de práticas governamentais que contribuam para a continuidade/permanência da legislação autoritária e policialesca;
- **1.2** identificar resoluções, decretos e documentos internos das universidades que atingiram os três segmentos e que impactavam na liberdade e autonomia universitária evidenciando os instrumentos jurídicos em vigor;
- **1.3** mapear e denunciar na estrutura jurídico-administrativa das IES, e fazer a denúncia, dos instrumentos repressivos da ditadura que permanecem regulando a vida acadêmica, localizando em quais instâncias da universidade a legislação autoritária continua normatizando o ambiente acadêmico;

Comissão da Verdade: 36.o Congresso (Cuiabá, 2017)

- **1.4** localizar nos instrumentos jurídicos em vigor, aquilo que possibilita a repressão no universo acadêmico, social e político no Brasil atual;
- **1.5** realizar levantamento nas universidades, de homenagens feitas aos colaboradores e coniventes com a ditadura empresarial-militar, representadas em nomes de campus e espaços físicos nas IES, publicizando-as e promovendo ações junto à comunidade acadêmica com o objetivo de retirar tais homenagens;
- **1.6** interagir com o movimento indígena e associações indigenistas e de direitos humanos na divulgação e denúncia dos crimes cometidos pelo Estado contra os povos indígenas, envolvendo tortura, assassinatos, trabalho escravo, apropriação de territórios e de recursos, bem como violência contra as mulheres indígenas, expressos no Relatório Figueiredo e desconsiderados em sua plenitude pela Comissão Nacional da Verdade.

Comissão da Verdade do ANDES-SN

- O 58º CONAD deliberou que a Comissão da Verdade do ANDES-SN terá a seguinte composição: 3 (três) membros efetivos, sendo 1 (um) da diretoria e dois eleitos no 58º CONAD; e 3 (três) suplentes, sendo 1 (um) da diretoria e dois eleitos no 58º CONAD.
- O 59º CONAD (Aracaju, 2014) deliberou ampliar o número de participantes na comissão, indicando mais dois titulares e seus respectivos suplentes, ficando composta por cinco membros e seus respectivos suplentes, sendo dois da diretoria e três eleitos pelo plenário do 59º CONAD;
- O 61º CONAD do ANDES-SN (UFRR, 2016) deliberou por nova composição, eleitos em plenária deste evento, em número de três titulares e três suplentes e 2 membros titulares da diretoria; Foram realizados 3 seminários regionais, culminando com um seminário nacional, em Porto Alegre (UFRGS), em maio de 2017;
- O 63.º CONAD (Fortaleza, 2018), deliberou por novos integrantes da CV, que elaboraram o Relatório Final da Comissão da Verdade do ANDES-SN;

Comissão da Verdade do ANDES-SN - atual

- O 11º CONAD Extraordinário, *ad referendum* do próximo CONGRESSO, delibera:
- Eleger na plenária do Plano de Lutas do 11º CONAD Extraordinário o(a)s integrantes da Comissão da Verdade do ANDES-SN, com três representantes da base como titulares, e seus respectivos suplentes, após exposição pelo(a) candidato(a) ou pelo(a) representante de sua respectiva seção sindical, sobre a disponibilização, motivação e trajetória que levaram à sua candidatura.
- Homologar a indicação pela Diretoria Nacional de dois(duas) Diretores(a)s titulares, e respectivo(a)s suplentes, para compor a Comissão da Verdade do ANDES-SN. Indicações para a comissão: Milton Pinheiro (Diretoria do ANDES-SN), Gustavo Seferian Scheffer Machado (Diretoria do ANDES-SN), Jennifer Susan Webb Santos (Suplente da Diretoria do ANDES-SN), Alexsandro Donato Carvalho (Suplente da Diretoria do ANDES-SN), Edson Teixeira (ADUFF), Patrícia Mechi (SESUNILA), Cristiano Ruiz Engelke (APROFURG).

Centro de Documentação Prof. Osvaldo de Oliveira Maciel

O 41º CONAD ocorrido em Pelotas em 2000 deliberou:

XV - A HISTÓRIA DO MOVIMENTO DOCENTE

1 - Que o ANDES-SN crie um Centro de Documentação, no prazo de um ano, com o objetivo de assegurar o trato permanente da documentação do Sindicato Nacional e a garantia da perspectiva histórica de sua trajetória, com vistas à pesquisa pública.

O 41º CONAD recomenda:

Que as Seções Sindicais envidem esforços no sentido de rearticularem os GTs locais de História do Movimento Docente, fortalecendo o GT Nacional.

CEDOC 37º Congresso (Salvador, 2018)

3. Que haja articulação do CEDOC com o GTHMD e a Comissão da Verdade para pautar a necessidade de elaboração de um Projeto de Memória para o Sindicato Nacional.
 - Foi criado o projeto memória para o ANDES - Sindicato Nacional visando elaborar e executar propostas de melhorias para serem aplicadas ao acervo do ANDES-SN, tais propostas compreendem a implementação de uma gestão documental e a realização de ações de memória relacionadas à história do Sindicato.
 - A avaliação e aprovação do projeto memória foi regulamentada na reunião da diretoria dos dias 07 a 09/9 de 2018.
 - Nos dias 02 e 03/11/2018 foi apresentado, discutido e aprovado o projeto memória na reunião do GTHMD em São Paulo.

História oral: o que é, para que serve, como fazer?

Breve introdução a alguns conceitos básicos de História Oral, Memória, Arquivo



História Oral e Memórias

- História oral: metodologia ou História com fontes orais?
- História da História Oral: um campo em disputa
- História Oral e Memórias
- Ética, política e memória
- História oral: experimento em igualdade
- Trabalhando com fontes orais

História Oral: feita com fontes *orais*

- Quando falamos em *História Oral*, falamos de fazer/ escrever História a partir de *fontes orais*.
- Não desprezamos as demais fontes de informação e experiências de sujeitos, mas *privilegiamos as fontes orais*
- Porquê trabalhar com fontes orais? Portelli nos ajuda:
- A primeira coisa que torna a História Oral diferente, é aquela que nos conta menos sobre **eventos** que sobre **significados**.

História Social e Memórias

- Memória e História: jogo de luzes sobre experiências sociais
- Memória coletiva
- Memória social
- Memórias divididas
- Composição de memórias

Esquecer para poder lembrar: novamente Portelli

- “Nunca pensamos na memória como um arquivo, uma geladeira, que preserva os dados e seus significados, mas como um processador, que os transforma e elabora de uma maneira semiótica e produz assim novos dados e significados que incluem os velhos, ainda que seja para negá-los ou livrar-se deles. Mais tarde descobriria que *esquecer também é parte do recordar.*“

Memória como um *processo*

- Tratar a memória como um **processo**, será entendê-la uma *construção sociocultural*, pautada por questões do presente.
- Memória entendida no plural, *memórias*, pois os grupos e indivíduos constroem memórias, que são divididas e compartilhadas.

Dimensões éticas e políticas da História Oral

- Memória como processo social de construção de hegemonias (forças dominantes) e contra-hegemonias (forças de resistência à dominação e luta para se tornar dominantes)
- Memórias: um *ir e vir no tempo*, a partir de questões *do presente*.
- Não são os **fatos** que mudam, mas o **que queremos** lembrar.

História Oral: o importante é *escutar*

- Quando praticamos a História Oral, não estamos "dando voz", mas *escutamos* as vozes, num diálogo que pode ser tornar intenso e *ampliar* as vozes.
- Não falamos sozinhos: falamos *com alguém*, que nos conta uma história, que às vezes ninguém deu ouvidos.
- Portanto, o primeiro ensinamento de quem quer trabalhar História a partir de fontes orais, apesar de parecer simples, é muito complexo: é preciso aprender a **escutar**, pois temos dois ouvidos e uma boca;

A entrevista: lugar de utopia

- Neste encontro (o lugar da entrevista) conhecimentos e práticas de grupos marginalizados e subalternos são valorizados, pois o objetivo da História Oral como um experimento em igualdade é que os homens e mulheres do povo tenham tanta importância quanto a ciência e o conhecimento produzido na academia.

A entrevista: buscar a diversidade e não somente a unicidade

- Por isso, é importante entrevistar não somente “aqueles/as dirigentes” que já tiveram papel de destaque e, portanto, de *reconhecimento* e visibilidade; é preciso também buscar as experiências de docentes que tiveram um papel de militantes de base, que participaram da história do MD, mas que não foram entrevistados, ou apareceram nos Boletins, Informativos, eventos, etc.

Experiências de História Oral

- África do Sul (1975-1980): oficinas de História Oral:
- História Oral → acadêmicos de esquerda;
- a história oral era uma ferramenta acadêmica legítima para a luta contra o Apartheid;
- 1985-86: anos mais violentos da luta contra o Apartheid, incluíram a opção de militarizar a luta pelo CNA;

África do Sul: Comissões da Verdade e da Reparação

- governo Mandela, em 1999: dá novo impulso à História Oral; o valor dos testemunhos;
- 1997: projeto do Centro de Memória Popular, vinculado à experiência acadêmica da Universidade do Cabo;

História Oral e a Memória Popular

- História Oral: opções teóricas são também opções políticas:
- O estudo das memórias populares implica em estabelecer relações com as memórias dominantes e memórias populares;
- além dessas, as críticas, acadêmicas ou não, às memórias dominantes e as formas de memórias privadas, de indivíduos e sua relação com a cultura da sociedade.

A pesquisa como *intervenção*: construir um programa de H.O. do ANDES-SN

- História Oral: a construção de projetos de História Oral, com entrevistas, vídeos, constituição de arquivos, rodas de conversa sobre as histórias do Movimento Docente, são também tarefas políticas para o nosso sindicato;
- Por isso, esta apresentação toma uma perspectiva ético-política, de buscar *muitas memórias* para a construção de *outras histórias que constituam uma história plural e diversa do nosso sindicato.*

Objetivos de um projeto de história oral

- Difundir a memória do ANDES e das suas seções sindicais através de entrevistas gravadas em áudio e vídeo utilizando-se da metodologia da história oral.
- Dar visibilidade às histórias buscando construir uma memória a ser contada.
- Registro das experiências individuais e coletivas, como parte da memória coletiva do ANDES e das seções sindicais para o conhecimento das gerações.

Etapas

- Pesquisa e levantamento de informações para preparação do roteiro das entrevistas.
- Elaboração do Roteiro de entrevistas.
- Seleção dos entrevistados.
- Realização das entrevistas.
- Armazenamento dos áudios/vídeos em arquivos digitais (CD-Room, HD, “nuvem), etc.

Público Alvo

Esse tipo de projeto pode ser feito com diretores/as e ex-diretores/as, sindicalizados/as, funcionários/as e ex-funcionários/as e pode ser apresentado no site da instituição (seção sindical) e tem como intuito de projetar o sentimento de memória da instituição, e construir a história do ANDES e das seções sindicais desde sua fundação.

Exemplo - FGV

FGV CPDOC

Principal Sobre o CPDOC Ensino Pesquisa Produção Acervo Relações Internacionais Convênios Internacionais A⁻ A⁺

Entrevistas do Programa de História Oral

O que é História Oral

Programa de História Oral

Entrevistas para download

Consulta à base

Informações aos usuários

Entrevistas para download

Há, no momento, cerca de 900 entrevistas abertas à consulta, porém nem todas estão disponíveis para download.

Para obter informações sobre TODAS AS ENTREVISTAS abertas, acesse a consulta à base de dados. A consulta é gratuita bastando, apenas, que o usuário se cadastre.

As entrevistas abaixo estão em formato PDF.

- » Ordenadas por Entrevistado
- » Ordenadas por Projeto

Entrevistas ordenadas por Entrevistado:

- Adolfo Martins Penha
- Afonso Ouro Preto
- Afrânio do Amaral
- Alba Zaluar
- Alberto Luiz Galvão Coimbra I
- Alberto Osvaldo Continentino de Araújo
- Alcida Ramos

O Programa de História Oral do CPDOC foi matéria no canal Globo Universidade. Veja mais.

[Site da ABHO - Associação Brasileira de História Oral](#)

[Site da IOHA - Associação Internacional de História Oral](#)

<https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/entrevistas>

Recursos Necessários

- 1 profissional para pesquisa (levantamento de dados sobre a instituição, sobre os sujeitos que poderão compor o banco de entrevistados/as);
- 1 profissional para registrar os depoimentos;
- 1 profissional ou empresa para fazer as filmagens;
- 1 profissional / empresa para transcrição;
- 1 gravador digital;
- 1 câmera digital;

Recursos Necessários

- 1 profissional para pesquisa (levantamento de dados sobre a instituição, sobre os sujeitos que poderão compor o banco de entrevistados/as);
 - É importante que a pessoa tenha conhecimento mínimo sobre a trajetória da seção sindical;
 - por isso, pode ser um/a professor/a militante da seção sindical, mas o ideal é que o trabalho seja feito em equipe, envolvendo os demais membros do GTHMD;

Recursos Necessários

- 1 profissional para registrar os depoimentos:
 - importante ter em conta que o ideal é termos um/a jornalista, mas nem todas as seções sindicais mantêm equipes de profissionais de comunicação;
 - por isso, um/a diretora/ podem fazer o papel de entrevistador/a, sabendo manejar os equipamentos de gravação em áudio e vídeo;

Recursos Necessários

- 1 profissional ou empresa para fazer as filmagens:
 - o ideal é utilizar os recursos disponíveis, p.ex., a ASCOM ou jornalista que tenha formação para trabalhar com gravação de imagem;
 - caso contrário, é importante aprender o manejo básico do equipamento de filmagem, câmara fotográfica digital, câmara filmadora, etc.

Recursos Necessários

- 1 profissional / empresa para transcrição:
 - aqui é realmente preciso um trabalho de equipe, caso a seção sindical não disponha de recursos para pagar uma empresa de transcrição.
- Não se recomenda a oferta de serviço a estudantes que não tenham familiaridade com as técnicas de transcrição, pois o trabalho posterior de revisão da transcrição (decupagem) acaba sendo muito maior;
- quando não existe a possibilidade de recurso para o pagamento de empresa de transcrição, aconselha-se que o GTHMD divida as tarefas e realize a transcrição; pela experiência que temos, cada 1 hora de conversa gravada exige de 8 a 10 horas para a transcrição;

Como analisar criticamente as fontes orais

- Perspectivas do entrevistador/a (equipe executora do programa de H.O.):
- Perceber como se dão as tensões – luta de classes
- Evitar isolar e fragmentar as lembranças;
- As memórias são atribuições de significados *do* passado *no* presente
- Memórias *do* presente e memórias *no* presente

Roteiro de perguntas Sadi Dal-Rosso

- Roteiro de perguntas: (Sadi Dal Rosso)

Entrevistadores: Luiz Blume e Erlando

- 1- Fale-nos seu nome completo e conte-nos sobre suas origens familiares, vida escolar e vida em comunidade.
- 2 - Qual foi seu cargo e gestão quando atuou no ANDES-SN?
- 3 - No período que você foi diretor no ANDES-SN o Brasil estava passando por grandes mudanças, como por exemplo, a constituinte, a LDB, você pode nos contar um pouco sobre esse período em que você atuou no ANDES-SN?
- 4 - A revista universidade e sociedade que existe até hoje começou na sua gestão, como foi o processo de criação da revista?

Roteiro de perguntas Sadi Dal-Rosso

- Roteiro de perguntas: (Sadi Dal Rosso)

5 - Você atuou na transformação do ANDES como Sindicato Nacional na época de sua gestão, como você vê esse período tão importante para o ANDES-SN?

6 - Gostaria de compartilhar alguma lembrança em especial?

7 - Qual o impacto do ANDES-SN na sua vida?

8 - Perguntamos aos entrevistados se eles gostariam de compartilhar alguma fotografia, texto, poema ou algo que tenha relação com o ANDES-SN, mas no seu caso especificamente após a sua aposentadoria você doou parte do seu acervo para o CEDOC do ANDES-SN, por que você considera isso importante?

Anotações do caderno de campo da entrevista

- Anotações do caderno de campo da entrevista de Sadi Dal Rosso
- A entrevista foi realizada pelos docentes Luiz Henrique Blume, coordenador do CEDOC, e Erlando da Silva Rêses, ex-diretor e ex-coordenador do CEDOC na gestão 2018-2020. Ocorreu no dia 26.08.2022, uma sexta-feira, no Espaço Memória, no 3.o andar da sede do ANDES. Contou com a presença da equipe de comunicação do ANDES-SN, da empresa Libris, com a coordenação da Jamile.
- O roteiro e a preparação da entrevista, com seleção de materiais foi organizado pelo atual coordenador do CEDOC e a funcionária Roseni de Castro Ximenes, arquivista do CEDOC.
- Com previsão para iniciar às 10:00, começou às 10:45, porque o entrevistado, prof. Sadi Dal-Rosso informou que iria se atrasar devido a compromissos rotineiros.

Anotações do caderno de campo da entrevista

- Antes do início da entrevista, mostramos o Espaço Memória ao professor, pois este não conhecia o espaço, inaugurado em 19.11.2021.
- O professor Sadi, como é conhecido, olhou parte da exposição, e no espaço destinado às caricaturas, no corredor, reconheceu-se e indicou que poderia se tratar do professor Antônio Câmara, da APUB, num dos cartazes em que ele está retratado.
- Antes de começarmos a gravar, o professor contou-nos sobre como foi sua infância e os primeiros anos escolares. Resolvemos incluir esta pergunta, sobre suas origens e os anos de formação escolar.

Tópicos da entrevista:

- origem rural: RS, estudou os primeiros anos escolares em escola rural do Distrito de Piquiri, cidade de Jaguari-RS;
- Teve que mudar de cidade para continuar os estudos do ginásial no seminário religioso em outra cidade, Pinheiro;
- Fez a graduação em Ciências Sociais em São Leopoldo, na universidade mantida pela ordem dos Jesuítas, Universidade Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS;
- Terminou a graduação em 1974 e foi realizar o mestrado em Austin-Texas, USA, seguindo do doutorado, terminando em 1978. Retornou para o Brasil em 1978 e obteve uma bolsa de estudos da Fundação Ford para ser professor e pesquisador na Universidade de Brasília;
- Destacou as greves estudantis, em especial o seu impacto na vida universitária na UnB, quando houve uma invasão policial em 1977;

Tópicos da entrevista:

- A criação da ADUNB foi em 1977, tendo como pano de fundo as greves estudantis e a mobilização contra o reitor;
- Não havia um local para as reuniões da ADUNB; os próprios docentes é quem organizavam locais para as reuniões; um professor de Biologia cedeu parte do espaço do seu laboratório para que começassem a organizar os papeis do sindicato;
- Em 1982 ocorreu uma greve importante, a 1.a da UnB, com 2 pontos principais: a pauta salarial e a democracia; a UnB era uma Fundação pública, e os docentes não tinham estabilidade, eram contratados. O próprio professor Sadi era contratado; existiam 16 fundações universitárias federais neste período, e a reivindicação era isonomia de condições de trabalho com as autarquias;

Tópicos da entrevista:

- A pauta pela democracia relacionava-se ao momento de luta pelo fim da ditadura, e também pela eleição de reitores; a pauta salarial e de condições de trabalho implicava na igualdade de contratação dos docentes, para que as Fundações também tivessem os mesmos critérios de contratação e estabilidade dos demais servidores das autarquias; A luta pelo fim da desigualdade entre fundações e autarquias era uma das pautas principais dos docentes;
- Sobre a conjuntura daquele momento: “uma enxurrada que a história foi levando uma nova constituição de ventos da liberdade”;
- Fez uma autocrítica em relação à forma de organização do sindicato exclusivo de professores: O ANDES deveria ter se construído como um sindicato único da educação, professores e técnicos;

Tópicos da entrevista:

- Destacou a tentativa do ANDES em organizar uma rede de sindicatos de trabalhadores da educação mundial: em 1991, citou a Carta do Rio de Janeiro, que foi publicada na Revista Universidade e Sociedade n.o 01; verificar nos registros do CEDOC se existe alguma ata desse encontro com as entidades que assinaram a carta;
- Indicou outros professores da UnB que participaram das lutas do MD para entrevistarmos;

Um exercício de interpretação

- Quem fala?
- Fala o quê? Refere-se a quê?
- De que modo?
- Perceber o *tempo* decorrido: *como organizam os fatos*, e o espaço
- Para quem?
- Em quais circunstâncias?

Um exercício de interpretação

- Quem fala? Prof. Sadi Dal-Rosso
- Fala o quê? Sua história de vida, desde quando começou a estudar numa escola da Vila Rural, depois mudou-se para a escola da cidade, o seminário menor, em outra cidade, a faculdade na capital (Porto Alegre-RS), o mestrado nos EUA, o retorno ao Brasil em 1977, quando começou a lecionar na UnB; as primeiras lutas dos professores na UnB; a primeira greve da UnB, a construção do sindicato em 1981;

Um exercício de interpretação

- Quem fala? Prof. Sadi Dal-Rosso
- “Eu tenho toda a minha família de professores de escola rural. Quer dizer, estou na parte de educação, estou na mesma linha familiar de educação pública, gratuita, que elas davam aula para criança e eu formava gente maior aqui na UnB. Há essa ligação que eu acho que é interessante, mas é cunho pessoal.”

Um exercício de interpretação

- Refere-se a quê?
- A luta pela democracia no Brasil e nas universidades; o movimento estudantil de meados da década de 1970:
- Sadi Dal Rosso: A minha chegada na UnB é um período, eu cheguei em 78. 1977 é o ano da grande greve estudantil na UnB, que foi sufocada por uma invasão policial militar. 77. Prenderam muitos estudantes, cerca de 30, 40 estudantes foram presos. [...] Eu cheguei na UnB em um momento, digamos, em que a universidade estava muito reprimida, porque a universidade, a reitoria da UnB era com o José Carlos de Almeida Azevedo, o reitor Azevedo, como nós falávamos, e era o representante das Forças Armadas dentro da universidade. [...]

Um exercício de interpretação

- Refere-se a quê?
- Então a UnB se encaixa no período, minha chegada à UnB se encaixa nesse período da resistência ao regime militar, seja fora da universidade, na sociedade mais ampla, seja dentro da universidade. Nesse período, isso não era só a UnB. Eu queria deixar isso claro para as pessoas que estão me ouvindo. Era uma resistência que vinha se construindo lentamente no Brasil inteiro. É claro que teve pontos altos com a emergência da greve dos metalúrgicos, dos outros trabalhadores industriais, mas se espalhou de Norte a Sul. Isso repercutiu na parte organizativa, repercutiu dentro das universidades e começaram a se formar associações docentes.”

Um exercício de interpretação

- De que modo?
- Como o professor Sadi traz as lembranças das lutas realizadas na década de 1980, dá uma importância crucial na luta pelo fim da ditadura:
- “Aí foi feito todo um processo de articulação e é uma coisa extremamente importante que eu quero mencionar aqui, especialmente para as pessoas que estudam esse período, a diferença entre esse período que eu estou descrevendo aqui e hoje, é que nesse período, em 1977, 78, 80, depois foi mais forte ainda, houve uma grande organização das comunidades locais.”

Um exercício de interpretação

- De que modo?
- Como o professor Sadi traz as lembranças das lutas realizadas na década de 1980, dá uma importância crucial na luta pelo fim da ditadura:
- “A resistência à ditadura militar foi feita não só por sindicatos e sindicalistas. Foi feita a resistência pelas organizações de base, nos bairros, nas comunidades. Isso foi fundamental para acabar com o regime ditatorial em 1985.”

Um exercício de interpretação

- Perceber o *tempo* decorrido: *como organizam os fatos*, e o espaço
- Quando o professor Sadi traz uma inquietação e uma avaliação posterior, sobre o caráter das lutas no final do período da ditadura e o momento atual, em agosto de 2022, em que a disputa eleitoral contra um candidato da extrema direita estava duríssima:
- “Foi uma coisa que eu quero deixar claro aqui, que é extremamente importante, porque hoje nós não temos esse tipo de organização tão forte quanto nós tínhamos naquela época. Temos alguns tipos de organização e ainda bem que estamos tendo essa organização, espero que seja suficiente para a retirada dessa pseudo ditadura militar que quer se reinstalar no país.”

Um exercício de interpretação

- Para quem?
- Quando o professor Sadi fala sobre as lutas do período em que esteve à frente do sindicato, especialmente na década de 1980, talvez ele queira indicar às novas gerações, através de sua entrevista, que muito do que foi conquistado deveu-se à luta, organização e determinação dos docentes, e que a existência de um sindicato com a perspectiva de autonomia como o ANDES é o que garantiu consolidar um projeto de educação, que foi inicialmente sistematizado no “Caderno 2”

Um exercício de interpretação

- Em quais circunstâncias?
- Quando o prof. Sadi fala das lutas na década de 1980, da primeira greve nacional das universidades, em 1982:
- “Voltando à essa greve, que você perguntou, então eu diria o seguinte: foi uma greve muito importante, porque pela primeira vez a universidade se levantou contra a reitoria, embora não fosse só a reitoria. A coisa foi universidade autônoma, democrática, pública, gratuita, e contratos igualitários. Era democracia, contratos igualitários, eram salários. [...] Essa foi a greve de 1982. Foi uma greve bonita, importante, onde apareceram algumas coisas. Nós fechávamos as salas de aula, trancávamos as salas de aula.”

Dimensão ética e História Oral - ABHO

- Ética e História Oral - Manual de Procedimentos do Repositório de Entrevistas de História Oral (REPHO/UFRGS) - 2022
- Os/as praticantes da História Oral no Brasil não contam com um código de ética próprio, mas o tema dos cuidados e boas práticas tem sido alvo de discussão em eventos e publicações da área.
- Na ausência de tal código, a redação deste texto foi feita tendo como base a *Carta de Princípios Éticos* aprovada pela Associação Nacional de História (ANPUH BRASIL) em 2015;
- a *Resolução 510/2016*, do Conselho Nacional de Saúde, relativa à avaliação ética de pesquisas das Ciências Humanas e Sociais;
- e, ainda, documentos correlatos produzidos nos Estados Unidos e na Itália.
- Dialogando com esses materiais, serão apresentados tanto direitos das pessoas entrevistadas quanto direitos e deveres dos/as pesquisadores/as.

Dimensão ética e História Oral - ABHO

- As **pessoas entrevistadas têm direito** de ser informadas sobre os objetivos e métodos da pesquisa; de decidir se participam ou não da pesquisa, podendo deixar de participar no momento em que acharem adequado e de decidir se terão sua identidade revelada ou omitida.
- Os/as participantes têm direito ao reconhecimento da autoria do seu depoimento e de decidir se a entrevista poderá ser usada para além do projeto no seio da qual ela foi produzida, o que é indispensável para as etapas de arquivamento e divulgação para futuros usos.
- Os/as entrevistados/as também têm direito de decidir se a entrevista poderá ser divulgada na Internet e se a sua imagem poderá ser usada.
- Os/as participantes da pesquisa têm, ainda, o direito de não serem expostos a riscos materiais e emocionais ao participarem do projeto, de conhecer os resultados da pesquisa e de ter sua experiência de vida e sua pessoa retratadas de forma respeitosa.

Dimensão ética e História Oral - ABHO

- **Os/as pesquisadores/as têm o direito** de utilizar os depoimentos que colheram para os fins que foram acordados, identificando os/as colaboradores/as ou apresentando os/as mesmos/as com o uso de pseudônimo, se assim for solicitado;
- de utilizar entrevistas feitas por outros/as pesquisadores/as caso os/as mesmos/as e os/as narradores/as tenham autorizado o uso por terceiros;
- de produzir interpretações a partir dos depoimentos que servem como fonte de pesquisa.
- Eles/as detêm o direito de autor/a sobre textos e demais produtos elaborados com base nas entrevistas.
- Em casos de escrita conjunta, o crédito deve ser atribuído a todas as pessoas envolvidas.
- Os/as pesquisadores/as têm, ainda, o direito e dever de decidir quais entre as informações contidas nas entrevistas poderão ser divulgadas e quais serão omitidas para não colocar em risco os/as colaboradores/as ou terceiros/as.

Dimensão ética e História Oral - ABHO

- **Cabe aos/às pesquisadores/as** proporcionar às pessoas entrevistadas o esclarecimento necessário sobre a pesquisa e sobre a metodologia da entrevista;
- registrar o consentimento do/a participante quanto ao uso da entrevista e respeitar as limitações que porventura sejam solicitadas quando ao uso e divulgação do material;
- informar aos/às colaboradores/as que não haverá custos para participar da pesquisa e não será feito nenhum pagamento pela participação; apresentar as pessoas entrevistadas de forma respeitosa;
- planejar estratégias para que os resultados da pesquisa sejam compartilhados com as pessoas que foram entrevistadas.

Dimensão ética e História Oral - ABHO

- É tarefa do/a pesquisador explicar se a participação implicará em danos emocionais (como ansiedade, angústia, cansaço), materiais (como despesas de deslocamento) e se dispor a contribuir para a amenização dos mesmos, mantendo atenção às demandas dos/as participantes, fazendo pausas na entrevista ou transferindo-a para outro dia e, inclusive, informando que a pessoa pode desistir a qualquer momento.

Modelo para roteiro de entrevistas: história de vida e história do sindicato

- Qual o seu nome completo?
 - Você é natural de qual estado? Como foi sua infância?
 - Você lembra a data / mês/ ano que você entrou na Seção Sindical?
 - Conte-nos como foi seu começo na Seção Sindical? E no ANDES?
 - Qual foi ou qual é sua função na Seção Sindical? E no ANDES?
 - Como era a Seção Sindical quando você ingressou? Onde funcionava?
 - Você pode nos contar um pouco sobre o período em que você atuou na Seção Sindical? E no ANDES?
 - Qual o momento mais significativo/representativo que vc passou na Seção Sindical/ANDES?
Por que?
 - Gostaria de compartilhar alguma lembrança em especial?
 - Qual o impacto da participação no movimento docente, na Seção Sindical/ANDES na sua vida?
 - Você gostaria de compartilhar alguma fotografia, texto, poema ou algo que tenha alguma relação com a sua experiência com na Seção Sindical/ANDES?
- * Este é um roteiro de perguntas padrão, para cada entrevistado deve-se formular perguntas específicas

Roteiro partindo de um fato/ acontecimento: vamos elaborar juntos?

Unesp de Assis invadida



Dia 2 de agosto: a invasão da Unesp de Assis.

A memória é socialmente construída

- A memória é uma construção social; embora lembrar e esquecer sejam um exercício individual, nós compartilhamos o que Alistair Thomson chama de “composição de memórias”;
- Para que a memória tenha um “reconhecimento” do coletivo, do grupo social, é preciso que os “fatos” da memória se “encaixem” num determinado grupo social, que é destinado à lembrança daquele fato;
- Por isso, embora possamos trabalhar com o sentido diverso e múltiplo da memória, não se trata de pensar a memória como uma unidade consensual do grupo;

A memória é socialmente construída

- Podemos/devemos trabalhar a memória como uma perspectiva de encontrar também *disputas* pela memória/esquecimento;
- Dessa forma, é importante entrevistar pessoas que tiveram participações diversas nos movimentos; não somente a liderança que ocupou os lugares públicos, mas também aqueles/as que estiveram na base do movimento, e saber os motivos/perspectivas de quem não teve a sua *palavra* registrada;

Modelo para roteiro de entrevistas: eventos

- Qual o seu nome completo?
 - Você é natural de qual estado? Como foi sua infância?
 - Você lembra a data / mês/ ano que ocorreu o fato?
 - Você pode nos contar um pouco sobre o período em que você atuou naquele movimento?
 - Conte-nos como foi sua participação naquele evento?
 - Qual foi ou qual é sua função naquele movimento?
 - Quais foram as motivações daquele movimento? Como a Seção Sindical atuou? Como funcionava/organizava o movimento?
 - Qual o momento mais significativo/representativo naquele movimento? Por que?
 - Gostaria de compartilhar alguma lembrança em especial daquele movimento?
 - Qual o impacto da participação naquele movimento, na Seção Sindical/ANDES na sua vida?
 - Você gostaria de compartilhar alguma fotografia, texto, poema ou algo que tenha alguma relação com a sua experiência com aquele movimento?
- * Este é um roteiro de perguntas padrão, para cada entrevistado deve-se formular perguntas específicas

Documentos Jurídicos

- Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimento Oral para o Programa de História Oral da Seção Sindical e do ANDES-SN. (elaborado em conjunto com a AJN)
- Termo de Utilização de Documentos custodiados pela Seção Sindical/ANDES-SN para Pesquisadores. (elaborado em conjunto com a AJN)

Referências

- Entrevista:
- **DAL ROSSO**, Sadi. Entrevista realizada por Erlando da Silva Rêses e Luiz Henrique dos Santos Blume. Brasília, 22.08.2023. duração: 01:40:20. Gravado em áudio MP3 e vídeo. Transcrição: Audiotext Serviços e Cia. LTDA. Brasília: DF. 2023.

Referências

- ACS-PROJETO MEMÓRIA. PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL. Manual de normas para transcrição de entrevistas. S.n.t. (arquivo .doc)
- ANPUH BRASIL. **Carta de Princípios Éticos**. 2015. Disponível em <https://anpuh.org.br/index.php/2015-01-20-00-01-55/noticias2/noticias-destaque/item/2902-carta-de-principios-eticos-anpuh-brasil>. Acesso em 29 de março de 2023.
- BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 510**, de 7 de abril de 2016. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 29 de março de 2023.
- ABHO. Associação Brasileira de História Oral. **Subsídios sobre ética e história oral**. Documento produzido pelo grupo de trabalho “História oral e ética em pesquisa”, implementado pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO) em sua gestão 2020-2022. Disponível em: https://www.historiaoral.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=542. Acesso em 29 de março de 2023.
- GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: teoria, política, método. In: ALMEIDA, P.R.; FENELON, D.R.; KHOURY, Y.A.; MACIEL, L.A. (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. p. 282-295. São Paulo: Ed. Olho D'Água, maio 2004.

Referências

- PATAI, Daphne. Problemas éticos de narrativas pessoais, ou, Quem vai ficar com o último pedaço de bolo?_In: **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Editora Letra & Voz, 2010.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Revista Mnemosine**. Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010). (Tradução de Luiz Blume e Heliana Rodrigues). Disponível on-line em: <http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/article/viewFile/424/681>. Acessado em 06.03.2011, 22:00.
- PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente? In: **Projeto História**. (14) Cultura e Representação. p. 26-39. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP. São Paulo: EDUC, fev. 1997.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História**. (15) Ética e História Oral. p. 13-49. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP. São Paulo: EDUC, abril 1997.

Referências

- SALVATICI, Silvia. Feridas da memória: Identidade feminina e violência política. _In: **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Ed. Letra & Voz, 2010.
- SCHWARZSTEIN, Dora. **Una introducción Al uso de La historia oral en el aula**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica de Argentina, 2001.
- THOMSOM, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: **Projeto História**. (15) Ética e História Oral. p. 51-84. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP. São Paulo: EDUC, abril 1997.